

mais sistemáticos. No núcleo da obra aborda-se o passado, o presente e o futuro do homem. Sem perder de vista o texto de Tertuliano, o autor tem presente – entre outras referências – o docetismo, o pensamento filosófico da época e esse mar de fundo que é o gnosticismo. Em diálogo crítico com os autores contemporâneos, ajuda a descobrir como, no pensamento de Tertuliano, se sublinha a unidade do homem, em si mesmo, e da sua história: a protologia e a escatologia fazem um todo coerente.

À *ternura* de Deus, presente na criação, o homem responde com o pecado. A criatura volta, assim, as costas ao Criador e põe em causa «a harmonia de beleza e bondade da criação» (p. 117). Mas Deus não desiste do seu projecto: vem ao seu encontro, já que, como escreve Tertuliano (p. 130), «nada é tão digno d'Ele como a salvação do homem». Estas considerações ajudam a descobrir, em Tertuliano, a importância da cristologia para a leitura da antropologia.

Não termina aqui a *historia salutis* nem a *historia hominis*: falta ainda a escatologia. Mas, de acordo com a tradição manualística instalada, abordar a escatologia, em Tertuliano, implica falar do milenarismo ou, pelo menos, do *seu* milenarismo. O autor, com notável ponderação e sem preconceitos, aborda esta questão nos textos conhecidos de Tertuliano e na sua relação com S. Jerónimo. E conclui: «o que nos parece definitivo para a questão é que, se aplicamos o método hermenêutico de Tertuliano, o milenarismo é impossível na sua obra» (p. 177).

A desmontagem deste tópico é apenas uma das contribuições ao aprofundamento e clarificação do pensamento deste grande autor da literatura cristã do século III, no quadro do objectivo central que é o estudo da sua antropologia.

Assente num modelar rigor metodológico, esta obra deverá ser uma referência imprescindível, não só nas abordagens deste capítulo do pensamento do Africano,

mas também na recomposição da história da antropologia cristã.

PIO G. ALVES DE SOUSA

TESCIONE, Cesare, «*Fiumi d'acqua viva sgorgheranno dal suo seno*» (Gv. 7,38), RCE Edizioni, Napoli, 2001, 96 p., 210 x 145.

Este pequeno volume publica o texto da tese de licenciatura do autor, na área da Teologia Bíblica. Escrito com a preocupação de rigor própria de um trabalho deste tipo, analisa exegeticamente o texto joanino que lhe serve de título. A atenção do autor recai especialmente sobre a simbologia da água, frequente na Sagrada Escritura, na consciência de que, no «excesso de sentido» próprio dos símbolos, como se exprimiu Ricœur, encontramos sempre novas sugestões de sentido.

Estuda a história da exegese do texto em causa, as suas delimitações, o seu contexto e estrutura. Faz a análise linguístico-semântica e sintáctica. Desenvolve a função simbólica dos vários temas conexos.

Um pequeno trabalho na dimensão material. Um belo estudo, todavia, sobre um belo texto de S. João.

JORGE COUTINHO

FILOSOFIA

CENTRO DE LITERATURA E CULTURA PORTUGUESA E BRASILEIRA — FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS (orgs.), *As Confissões de Santo Agostinho, 1600 anos depois: presença e actualidade*. Actas do Congresso Internacional, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2001, 788 p., 230 x 160, ISBN 972-54-0032-1.

A passagem do ano 2000, além de marcar o bimilenário da era cristã, serviu também, entre outras coisas, para assinalar

os 1600 anos da escrita das *Confissões* por Santo Agostinho, iniciada provavelmente em 397 e terminada em 400 ou 401. O Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira e a Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, com o entusiasmo dos Profs. J. Cerqueira Gonçalves e M. Costa Freitas a liderar o processo, promoveram, na oportunidade, a realização de um Congresso que quiseram, mais que simplesmente comemorativo, sobretudo de releitura, no horizonte temporal de hoje, daquele texto que foi objecto da leitura de todos os tempos desde a sua produção e constitui sem dúvida um dos mais notáveis *best-sellers* da cultura ocidental.

Numerosos especialistas, investigadores e estudiosos trouxeram ao Congresso o resultado das suas pesquisas, que agora se publicam neste volumoso livro das *Actas*. Ao todo são 45 trabalhos. Sem desprestígio para os demais, seja-nos permitido realçar nomes como os de Goulven Madec, Lúcio Craveiro da Silva, Marcel Neusch, Frederick Van Fleteren, Marie-Anne Vannier, Alessandro Ghisalberti, M. Burcht Pranger, Norbert Fischer, João Francisco Marques, Manuela Brito Martins, Vittorino Grossi, Helmut Kohlenberger, M. Costa Freitas, Helmut Doucet, Santiago Sierra Rubio, Dominique Renaud e Joaquim Cerqueira Gonçalves.

Foram versados os mais variados aspectos e temas das *Confissões*. Destacamos: aspectos formais e estruturais (*Conf.* como oração de louvor e como oração bíblica, autobiografia e conversão, narrativa-reflexão-meditação, poética do acto de confessar, etc.); grandes temas (criação, o ser e os seres, tempo e eternidade, espiritualidade, o desejo e a inquietude, o mal, o neoplatonismo, o maniqueísmo, o amor e o pecado, a verdade: metafísica ou ontológica?, a memória de Deus, memória e perdão...); a recepção das *Confissões* na posteridade e suas interpretações (em Lutero, em Heidegger, em Paul Ricoeur, em Eric Weil, em João Cassiano, na antropologia filosófica, na filosofia medieval portu-

guesa, em Pascoaes, na literatura e cultura portuguesas em geral).

A maioria dos textos está escrita em língua portuguesa, havendo alguns em francês, inglês, alemão e italiano. Em boa apresentação gráfica. Numa edição que honra a Universidade Católica Editora e a Editorial Verbo que a preparou. Um livro que se recomenda para as bibliotecas universitárias, dos seminários maiores e de quantos são apreciadores desse grande génio do pensamento, modelador, como nenhum outro, da nossa cultura de ocidentais, que por isso mesmo mereceu o epíteto de mestre do Ocidente.

JORGE COUTINHO

PINHEIRO, Maria Helena Mano, **Subjectividade Plural. Trajectos do Sofrimento em Emmanuel Lévinas**, Col. «Campo da Filosofia / Noûs» 11, Campo das Letras-Editores, Porto, 2001, 232 p., 205 x 135, ISBN 972-610-485-8.

Estamos em presença de um estudo conduzido com o cuidado e a seriedade próprios de uma dissertação de mestrado. Foi orientado pela Prof.^a Maria José Cantista e apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Na mira da autora está evidenciar alguns temas e linhas do pensamento de E. Lévinas, olhados como convocação a pensarmos de um modo novo o sentido da existência humana como ela mesma convocadora de uma nova consciência da alteridade e, com esta, de uma nova consciência da subjectividade humana.

Uma primeira parte é consagrada à descoberta levinasiana dessa necessidade de reorientar a reflexão filosófica, em ruptura com a tradição ocidental de que é herdeiro. Temas nucleares de Lévinas são aí revisitados, tais como os do desejo do Infinito – «aquele que convoca» –, do Rosto, do heterocentrismo do eu ou da experiência originária da relação com o